

Downtown Filmes e Diler & Associados apresentam

UMA PROFESSORA MUITO MALUQUINHA

Adaptação do livro de Ziraldo

Direção de André Alves Pinto e César Rodrigues

APRESENTAÇÃO

A jovem Cate é uma professora especial. Bonita, inteligente e engraçada, ela mostra que a escola pode ser um lugar muito divertido. As meninas querem ser lindas como ela e os meninos desejam crescer depressa para pedi-la em casamento. Adaptação do livro homônimo de Ziraldo, o filme *Uma Professora Muito Maluquinha* mostra como o entusiasmo de Cate marca para sempre um grupo de alunos da escola primária, no início dos anos 40. Com produção da Diler & Associados e distribuição Downtown Filmes, o filme é dirigido por André Alves Pinto e César Rodrigues e estreia no dia 01 de julho.

A atriz Paola Oliveira interpreta a professora que escandaliza uma cidadezinha do interior de Minas Gerais com seus métodos: Cate deixa os alunos lerem gibis na sala (o que o padre diz ser pecado), canta com a turma e até leva a garotada ao cinema para ensinar História. “É uma personagem muito inspiradora, traz uma mensagem de liberdade, de como despertar nas crianças o fascínio pelo conhecimento”, define Paola.

A dupla de diretores assinou a série de TV *Um Menino Muito Maluquinho* (finalista do Emmy Internacional 2007 e exibida na Rede Brasil e no DisneyChannel). “É um filme para toda a família: tem escola, tem romance, tem um clima nostálgico para os adultos”, descreve André, sobrinho do escritor. “A temática é infantil, mas a história fala basicamente de relações humanas. É um filme delicado, que faz pais e filhos saírem conversando sobre as questões que ele propõe”, diz César. O roteiro é do próprio Ziraldo, que faz participação especial como o dono do cinema.

Rodado em cinco semanas entre março e abril de 2009, com orçamento de R\$ 4 milhões, o filme tem no elenco nomes consagrados como Chico Anysio (que vive Monsenhor Aristides) e Suely Franco (tia Cida), ao lado de talentos da nova geração, como Max Fercondini (o professor Mário). O filme marcou a estreia em longas-metragens de atores que hoje se destacam em outras produções, como Joaquim Lopes (Padre Beto), que está na nova novela das sete da Globo; Elisa Pinheiro (Miriâm), do seriado *Clandestinos*; e o menino Caio Manhente (Luiz), que fez *Viver a Vida*. Foram mais de 500 testes para selecionar as 30 crianças que fazem parte da turma.

Uma Professora Muito Maluquinha teve quase 80% das cenas filmadas em São João del Rey, Minas Gerais. “Filmar lá foi fundamental para captar essa atmosfera romântica, ingênua do filme”, conta Paola. Os mineiros Milton Nascimento, que canta o tema de abertura, e Fernanda Takai, encerrando o filme, são alguns dos destaques da trilha sonora, assinada por Ronald Valle, que conta ainda com um bolero composto pelo próprio Ziraldo.

SINOPSE

Depois de estudar na capital, a jovem Cate, 18 anos, volta a sua cidadezinha no interior de Minas Gerais, para dar aulas na escola primária. Entusiasmada, livre e comunicativa, ela conquista os alunos no ato, mas seu comportamento de vanguarda não agrada às professoras conservadoras do início dos anos 40.

As aulas da Professora Maluquinha são uma aventura feliz, uma contínua brincadeira. A cada dia ela traz ideias novas. Toda aula começa com uma frase diferente no quadro e um prêmio para quem a ler mais depressa. Depois, Cate inventa a máquina de ler: uma bobina de papel de embrulho de loja com uma manivela. Ela gira o rolo e as crianças leem os versos que surgem. De outra vez, leva a turma para assistir ao filme *Cleópatra* no cinema. E assim seus alunos conhecem a História universal, decoram tabuada com música e leem cada vez mais depressa.

Ao mesmo tempo em que descobrem o prazer de aprender, os amigos da escola também têm as primeiras aulas sobre amor, amizade e liberdade. E a professorinha não conquista só os alunos: os rapazes mais bonitos da cidade caem de amores por ela. O professor de Geografia Mário, o romântico Pedro Poeta, o boêmio Carlito e o galã Rodolfo Valentino se revezam nas tentativas de conquistar a moça.

Criada por Tia Cida e sobrinha do Monsenhor Aristides, Cate cresceu junto com o afilhado do tio, Beto, que se tornou padre e volta à cidade depois de ter estudado fora. Padre Beto é quem supervisiona a escola e repreende a moça a cada queixa das outras professoras. Os namoricos de Cate o deixam mordido de ciúme, mas ele não admite. Conta tudo ao Monsenhor, que tem a maior paciência com as maluquices de sua protegida.

No fim do ano, Cate propõe uma revolução: seus alunos não precisam fazer exame final, porque ela garante que eles aprenderam muito além do que está nos livros didáticos. Mas sua maior ousadia _ passar por cima de qualquer barreira em nome do amor _ ainda estava por vir.

SINOPSE CURTA

Depois de estudar na capital, a professora Cate volta a sua cidadezinha em Minas Gerais para dar aulas na escola primária, no início dos anos 40. Sua forma de ensinar encanta os alunos e irrita as outras professoras. Ela só quer devolver aos alunos algo indispensável à educação: o entusiasmo.

O LIVRO

Lançado em 1995, o livro *Uma Professora Muito Maluquinha* é um dos grandes sucessos de Ziraldo. Já vendeu mais de 380 mil exemplares, foi traduzido para o espanhol e virou série de livros em quadrinhos.

O livro conta os revolucionários métodos de ensino de uma jovem professora dos anos 40, que marcaram a vida de seus alunos. Usando ilustrações de revistas como *O Cruzeiro*, quadrinhos como *Reco-Reco*, *Bolão e Azeitona*, cartazes e anúncios, Ziraldo faz também a crônica de uma época, vista pelos olhos das crianças.

ENTREVISTA / PAOLA OLIVEIRA

Você também teve alguma professora especial como a Cate?

- Sempre tive uma relação muito bacana com professores, mas teve uma que foi especial e eu adorei resgatar essa memória na preparação para a personagem. Ela se chamava Samira. No fim da aula, a turma toda formava uma fila enorme só para receber um beijo dela e ficar com a marquinha do batom. Ela nos ensinou muito e não só na parte didática, também se envolvia nas relações pessoais, percebia se alguém estava chateado ou triste. Foi nossa professora da antiga 5ª à 8ª série. Eu lembro que, para a minha festa de formatura, os pares iam ser sorteados e eu torcia muito para dançar com um menino. Quando fui mesmo sorteada para dançar com ele, fiquei radiante e a professora acompanhava tudo.

O filme faz os adultos reviverem esses momentos...

- Sim, a Cate é um personagem muito inspirador, traz uma mensagem de liberdade, de como despertar nas crianças o fascínio pelo conhecimento. Porque hoje, para as crianças, é tudo 'não pode', 'não faz', as pessoas mentem para elas. E a trama é também uma grande homenagem aos professores.

Foi difícil trabalhar com tantas crianças?

- Foi engraçado, porque elas bagunçavam mesmo, não só nas cenas da turma, mas nos intervalos também. Imagina, eram 30 crianças! Mas eu adorei, porque tenho quase um vício de observar muito as pessoas, perceber como elas são de verdade, e isso com crianças é maravilhoso, porque elas são muito transparentes. A gente foi descobrindo a chave de cada um para que a coisa funcionasse: um trabalhava melhor na brincadeira, com outro precisava falar mais sério. E eles foram aos poucos, como os próprios personagens, descobrindo esse encantamento pelo

aprendizado, pelo texto. Adoraram o código que a Cate cria com a turma e que no fim se revela importante na trama. A gente foi criando uma relação muito bacana, eu conversava com as meninas, tirava foto com todos. As crianças se envolveram muito, foi emocionante.

A personagem é inspirada numa professora real, da infância do Zivaldo. É difícil compor um personagem que de fato existiu e que já tinha sido retratado num livro de sucesso?

- Sim, a responsabilidade é maior, porque a imagem da professora já estava consolidada no imaginário através do livro, então as pessoas já chegam ao filme com essa informação. E também tinha minha preocupação em relação ao Zivaldo, que conheceu a professora real, se ele iria gostar da minha Cate. Mas fiquei muito feliz porque ele gostou de tudo que eu propus, como o alto-astral dela, essa postura vibrante, animada.

Filmar em Minas foi importante para entrar no clima da história?

- Foi fundamental estar em São João del Rey, conviver com aquela atmosfera romântica de cidade do interior, carregada de 'mineirice'. Eu optei por um sotaque mineiro suave, que não gritasse, porque acho que é sempre melhor pecar por falta do que por excesso. Então, o jeito mineiro da Cate vinha muito mais da simplicidade, do romantismo, do que do sotaque, por isso foi tão importante esse período filmando em Minas.

Sua estréia no cinema foi num filme com temática bem adulta, *Entre Lençóis* (de 2008).

Como foi a transição para o infantil?

- Olha, se eu puder escolher, só vou fazer filmes tipo *Uma Professora Muito Maluquinha* (risos). Na minha carreira, tenho transitado bem entre extremos, em novelas já fui boa, já fui má, fiz tramas de vários horários. Quando minha empresária soube que o Diler (*Trindade, produtor*) tinha o projeto de fazer o filme, a gente marcou uma reunião e eu cheguei já 'montada' como a Cate, com os cachos, o visual. Aí ele comprou a ideia. As pessoas me perguntam se tive sorte na carreira: acho que sorte é ver a oportunidade e correr atrás.

*Aos 28 anos, Paola é uma das atrizes mais requisitadas da televisão. Protagonista da novela **Insensato Coração** (2011), da Rede Globo, destacou-se desde seu primeiro trabalho na emissora, em **Belíssima** (2005). Em seguida viveu a protagonista de **O Profeta** (2006), a mocinha **Leticia de Ciranda de Pedra** (2008) e a vilã **Verônica de Cama de Gato** (2009). Em 2010, participou das séries **As Cariocas**, de Daniel Filho, e **Afinal, o que Querem as Mulheres?**, de Luiz Fernando Carvalho. No cinema, Paola estreou no filme **Entre Lençóis** (2008), em que vivia a protagonista Paula. Fez ainda **Budapeste** (2009) e participou do infantil **Eu e Meu Guarda-Chuva** (2010).*

ENTREVISTA / ANDRÉ ALVES PINTO E CÉSAR RODRIGUES

Como vocês se dividiram na direção?

André - Quando fui convidado, vi que era um projeto muito ousado: filme de época, com criança, um casting de alto nível, pouco tempo antes de começar a filmar. Então, chamei o César, meu parceiro na série *Um Menino Muito Maluquinho* e amigo há 25 anos. Iríamos nos dividir em duas frentes, para eu ir antes para São João del Rey, mas começamos a rodar os 10 primeiros dias na escola e tudo fluiu tão bem, que não precisou. Então ficamos juntos no set. Cesinha tem muita experiência em direção de ator, eu levava mais para a direção da cena.

César - O André e eu já tínhamos juntos o projeto do filme *O Menino Maluquinho 3*. Quando ele me chamou, disse na hora: 'Vambora'. Foi um desafio louco porque a gente precisava ser rápido para testar as crianças, formatar o projeto, preparar o elenco infantil.

O filme não é estritamente infantil. Que público vocês acreditam que vão atingir?

André - É um filme para toda a família: tem escola, tem romance, tem um clima nostálgico para os adultos. Tem uma vilã, a professora Dona Izildinha, de quem as pessoas até gostam. Reforçamos um pouco essa personagem no filme, porque em livro do Ziraldo nunca tem vilão. Nossos filhos assistiram, deram muito palpite. Então, atrai várias faixas de público.

César - Não é um filme infantil na perspectiva que se tem hoje: uma montanha-russa de emoções, com bordões, piadinhas, onomatopéias. O universo, a temática é infantil, mas emocionalmente toca muito os adultos, no estilo de filmes como *O Pequeno Nicolau*, por exemplo. A história fala basicamente de relações humanas, como as pessoas se enxergam, como convivem. É um filme delicado, que faz pais e filhos saírem conversando sobre as questões que ele propõe. As histórias do Ziraldo são assim, ele cria perguntas.

Como foi a relação com Ziraldo? Ele acompanhou as filmagens?

André - Ziraldo não fica patrulhando muito a adaptação, diz que a obra dele já cresceu, já ganhou vida própria. Mas só mostro para ele o que eu quero mostrar, outras coisas eu escondo (risos). Ele foi um dia ao set na escola e se emocionou. Ele se faz de durão, porque passou os últimos 15 anos só recebendo homenagens, mas a gente percebe que fica emocionado. Depois foi um dia a São João del Rey para uma participação e também adorou.

O livro foi referência também nas imagens? Há cenas que reproduzem as ilustrações.

André - Sim, o livro foi praticamente o storyboard do filme, uma referência direta para o desenho das cenas. Mas nós dois somos mineiros (*André é de Belo Horizonte e César, de Muriaé*), então nós entendemos bem esse universo de cidade de interior, de família grande, muitas tias.

César - O filme segue o traço do Ziraldo, que é muito limpo, e a sensibilidade do pensamento dele, sobre família, amor, a delicadeza na maneira de retratar esses sentimentos.

O filme reforça o romance, principalmente no final...

André - O filme teve uma mudança fundamental depois de rodado: passou a ser narrado pelo Luizinho. No início, não havia narrador. Antes da estreia, fizemos várias exposições-teste (pitchings) e percebemos que as crianças menores não acompanhavam as cenas de romance, que são pano de fundo da trama. Com a narração, trouxemos essa história mais para perto das crianças, no paralelo com um “romance”, um clima, entre o Luizinho e a Cibele.

Como foram as filmagens em São João del Rey?

André - A população abraçou o filme com carinho paternal. Durante as cenas, não passava motocicleta numa distância de três ruas, para não atrapalhar com o barulho. A equipe se entrosou, os bares que a gente frequentava viravam point, teve festa temática da Professora Maluquinha em boate. E a cidade foi fundamental porque a gente encontrou cenários já prontos, perfeitos, o que facilitou muito a direção de arte. Nem precisava de muitos elementos de cena, já estava tudo ali, preservado, autêntico. Só rodamos no Rio de Janeiro as cenas de sala, pátio e interior da escola, que foram feitas no Colégio Sagrado Coração de Jesus, no Alto da Boa Vista.

César - São João del Rey foi incrível porque a gente encontrou, num só lugar, tudo que traduzia a época da história e o próprio universo do Ziraldo.

A música tem destaque no filme. Por quê?

André - A música invadiu o filme de forma muito natural. Faltou pouco para ser um musical. Até eu compus. O tema da sala de aula, em que Cate canta junto com a turma, é exemplo de uma música que nasceu enquanto ensaiávamos as crianças durante as filmagens. Uma das belas composições de Ronald Valle é o tema de abertura, cantada pelo Milton Nascimento. Ele mesmo

disse que a música tinha sua cara. E voz, né? O Ziraldo é autor do tema do baile, um bolero inspiradíssimo com o espírito da época. Nestes dois anos de pós-produção, a música foi nascendo e se incorporando. Os sinos fazem parte do filme como uma herança dos tempos que insistem em não passar em São João del Rey. A cidade preserva muito bem as tradições culturais e religiosas.

Os sinos foram incorporados à filmagem, não é?

André - São João del Rey é conhecida como Cidade dos Sinos, eles seguem melodias com partitura. É atração da cidade e entrou nas cenas mesmo. Teve uma situação impressionante: quando Pachequinho (Aramis Trindade) avisa da morte do Monsenhor para Tia Cida (Suely Franco), os sinos que se ouvem são reais, eles tocaram na hora mesmo, não são de cena. Quando a gente viu aquilo, disse: 'Pronto, a cena já está sonorizada, não precisa de mais nada'.

Como foi o trabalho com a equipe, foi difícil unir atores jovens e experientes?

André - A harmonia foi completa. A Paola é de uma simplicidade, de uma comunicação sem pose. Em São João del Rey, virou um bichinho do mato (risos). O Chico Anysio também foi maravilhoso, ficou em Minas direto, acompanhando tudo. Uma vez, por um problema na revelação, perdemos 33 minutos filmados, a maioria com cenas do Chico. Fui falar com ele, todo tenso, que precisaríamos refazer. Ele me olhou bem e disse: 'Faremos, e faremos melhor'. A equipe toda se dedicou muito e essa alegria transparece na tela.

André Alves Pinto

Diretor, produtor e editor com mais de 20 anos de experiência. Trabalhou para a MTV de 1990 a 1994 e foi sócio-fundador da Elektra Filmes, produtora com marcante atuação na década de 90 na área de clipes, comerciais, programas e documentários para canais por assinatura. Dirigiu A Turma do Pererê, série de 20 episódios baseada na obra de Ziraldo, exibida pela Rede Brasil. Na Rede Globo desde 1999, editou programas como Muvuca, Central da Periferia, Sexo Frágil, A Diarista, Minha Nada Mole Vida e Casseta & Planeta, Urgente!, além das novelas Da Cor do Pecado e Senhora do Destino. Editor e finalizador da série Um Menino Muito Maluquinho (finalista do Emmy Internacional 2007 e do Prix Jeunesse 2006).

César Rodrigues

*Ator formado pela CAL (Casa das Artes de Laranjeiras), em 1986 criou, com o ator e diretor Roberto Bomtempo, a Companhia Movimento Carioca de Teatro Juvenil. Foi 1º assistente de direção de Daniel Filho nas séries **Confissões de Adolescentes** (TV Cultura e Band) e **A Vida como Ela É** (Rede Globo). Na Globo, dirigiu os seriados **A Justiceira** e **Mulher**, a minissérie **Labirinto** e o programa **Você Decide**. Atualmente trabalha na Record, onde dirigiu as novelas **Bicho do Mato** e **Amor e Intrigas** e as minisséries **A História de Ester** e **Sansão e Dalila**. Diretor das séries **Filhos do Carnaval** (episódios 3 e 6), na HBO; **Aventuras da Teca** (Canal Futura) e **Um Menino Muito Maluquinho** (Rede Brasil e DisneyChannel). No cinema, dirigiu **High School Musical Brasil**, foi diretor assistente de **A Partilha**; **Cafundó**; **Sexo, Amor e Traição**; **Queridos Estranhos** e **A Dona da História**, e 1º assistente de direção em **O Menino Maluquinho 2**.*

ENTREVISTA / ZIRALDO

Como é a sensação de ver um livro seu no cinema, sente um certo “ciúme” dos personagens que criou?

- Acho que quanto mais seus personagens forem amados, menos ciúme se pode sentir deles. E não dou muitos palpites nas adaptações.

Sua aparição no filme é engraçada. Gosta de trabalhar como ‘ator’?

- Adoro fazer essas pontinhas nos filmes. Já fiz muitas e sempre me divirto muito.

- Acredita que o filme tenha uma responsabilidade de repetir o sucesso do livro?

- Acho que não. O público de livro é diferente do público de cinema, a possibilidade de provocar uma emoção encontra a pessoa que vai receber a “mensagem” em situações completamente diferentes.

- A Cate é inspirada numa professora real, não é?

- A Catarina é uma personagem inventada a partir de várias professoras ou professores que tive. A principal delas foi, realmente, a minha primeira professora, que tinha esse nome e que era uma moça muito jovem, muito poderosa e muito maluquinha. Ela já morreu há muitos anos.

O filme, como o livro, traz um encantamento com a escola. Hoje as crianças têm muita informação e acesso a vários meios de comunicação, além da sala de aula. Como despertar nelas o interesse pela escola?

- Não há necessidade de despertar o interesse das crianças pela escola. Este é um desejo universal da criança: ir para a escola. É claro que tem muitas exceções, mas a regra geral é que a criança sonhe com a escola. O importante é que a escola esteja preparada para ser o segundo lar da criança. A educação infantil tem que ser acompanhada de afeto. Não existe educação sem afeição, sem carinho. Por este motivo é que implico com a professora que não gosta de ser chamada de tia ou por qualquer outro tratamento mais afetuoso, como profe, por exemplo. São moças que não sabem se fazer amar.

E como despertar o interesse pela leitura?

- Pais e mães têm que ler para os seus filhos, têm que ler com eles, para criar a boa possibilidade de a criança se interessar pelas histórias contadas através do livro. Toda criança saudável é curiosa. Fazer o livro circular livremente dentro de casa é um bom estímulo para a curiosidade infantil. Se você percebe que seu filho é desinteressado pelas coisas que o cercam, prefere comprar feito do que inventar, faz poucas perguntas interessantes... comece a contar histórias para ele.

Depois de tantos sucessos, o que acha que ainda falta realizar?

- Eu acho que quem está acostumado a ficar inventando moda, nunca vai parar de inventar. Ainda tenho muito livro pra fazer...

*Um dos maiores nomes da literatura infantil brasileira, Ziraldo começou sua carreira nos anos 50, em jornais e revistas como **Jornal do Brasil**, **O Cruzeiro** e **Folha de Minas**. Além de escritor, é pintor, cartazista, jornalista, teatrólogo, chargista e caricaturista. Ziraldo explodiu nos anos 60 com a revista em quadrinhos **A Turma do Pererê**. Em 1969, fundou com outros humoristas o jornal **O Pasquim**, que fez História e até hoje tem legião de fãs. Seus quadrinhos para adultos, especialmente **Supermãe** e **Mineirinho - O Comequieto**, fizeram grande sucesso. Também em 1969 publicou o seu primeiro livro infantil, **Flicts**, que conquistou fãs em todo o mundo. A partir de 1979, concentrou-se na produção de livros para crianças e em 1980 lançou **O Menino Maluquinho**, um dos maiores fenômenos editoriais do Brasil. O livro já foi adaptado para teatro, quadrinhos, ópera infantil, videogame, Internet e cinema. Seus trabalhos já foram traduzidos para vários idiomas, como inglês, espanhol, alemão, francês, italiano e basco.*

ENTREVISTA / DILER TRINDADE

- Como surgiu a ideia de adaptar o livro para o cinema?

- O Nilson Rodrigues, ex-diretor da Ancine, há quatro anos me apresentou ao Ziraldo. Foi o próprio Nilson quem sugeriu o projeto, porque havia montado no teatro e amava o texto. Eu li o livro e gostei demais da professora inovadora, carismática e transgressora que de maluca não tem nada. Já admirava Ziraldo e assinarmos o contrato para o filme foi um pulo.

- Por que acredita que o filme será sucesso de bilheteria?

- Creio que será um sucesso do tamanho de **O Menino Maluquinho 1** e **2**. Superá-los em número de espectadores é meu sonho e para realizá-lo conto com o talento e a garra do Bruno Wainer, parceiro superdistribuidor.

- Como foi a escolha de Paola Oliveira para o papel?

- Paola foi escolhida bem no início, na hora em que a Ancine pede que o elenco provável assine uma carta. Ela estava tão contente com o convite que quis assinar logo o contrato. Sua escolha foi natural: ela é uma grande atriz, tem o pique da personagem e é linda!

- Os diretores do filme elogiaram a liberdade que tiveram na relação com a produtora. Como é seu trabalho com os diretores?

- André e Cesinha são diretores queridos, os mais dedicados que já conheci. Só trabalho com diretores que admiro e quando há potencial de nos tornarmos amigos.

- Você tem os direitos de outras obras do Ziraldo. Quais são os próximos projetos?

- Já assinamos com Ziraldo para produzir *O Menino Maluquinho 3*. E já planejamos mais duas: *O Manto Sagrado*, uma história emocionante sobre um vestido vermelho que é desfeito para fazer uma bandeira do Flamengo; e uma animação da *Supermãe*.

PRODUTORA

DILER & ASSOCIADOS

A Diler & Associados aposta na diversidade de filmes, utilizando pesquisas qualitativas e rigoroso estudo de viabilidade. Seu sócio majoritário, Diler Trindade, foi eleito pela revista americana Variety (especializada em cinema) um dos 10 produtores mais promissores do mundo dos filmes.

Seus 35 longa-metragens tiveram mais de 30 milhões de espectadores, 11 deles estão entre as 30 maiores bilheterias da retomada do cinema nacional. A Diler & Associados foi apontada pela ANCINE como líder em lançamentos com mais de 1 milhão de espectadores na retomada (9 filmes vistos por 18,1 milhões de pessoas). Em 2010, pelo terceiro ano consecutivo, recebeu certificado de Excelência Empresarial da ONEP (Organização Nacional de Eventos e Pesquisas).

Em 2003, bateu recorde nacional de produção, com 5 filmes: *Dom; Didi, O Cupido Trapalhão* (1,8 milhão de espectadores); *Maria, Mãe do Filho de Deus* (2,4 milhões de espectadores); *Xuxa em Abracadabra* (1,3 milhão de espectadores) e *Um Show de Verão*, com Angélica. Em 2004, produziu *Didi Quer Ser Criança; Irmãos de Fé*, com Padre Marcelo Rossi; *A Máquina*, estreia de

João Falcão, selecionado para mais de 18 festivais internacionais; *Xuxa e o Tesouro da Cidade Perdida*, de Moacyr Góes; e iniciou a produção de seu primeiro longa de animação, *Xuxinha e Guto Contra os Monstros do Espaço*, lançado em dezembro de 2005.

Em 2005, produziu *Coisa de Mulher*, parceria com o SBT Filmes; *Um Lobisomem na Amazônia*, de Ivan Cardoso; *Fica Comigo Esta Noite*, lançado em 2006; *Didi, o Caçador de Tesouros*, lançado em 2006; e a animação *A Turma da Mônica em Uma Aventura no Tempo*, de Mauricio de Sousa, selecionado para o Festival Internacional de Cine para la Infancia y la Juventud, Madri.

Em 2006, produziu o documentário *Juízo*, premiado no DOK Leipzig 2007 e Melhor Filme no One World Human Rights Int'l Film Festival; *Trair e Coçar É Só Começar*; *O Cavaleiro Didi e a Princesa Lili* e *Xuxa Gêmeas*. Em 2007, fez *Destino*, longa-metragem e minissérie em inédita co-produção Brasil-China. Em 2008, realizou *Bonitinha Mas Ordinária*, dirigido por Moacyr Góes, e *O Guerreiro Didi e a Ninja Lili*. Em 2009, produziu *Uma Professora Muito Maluquinha*.

DISTRIBUIÇÃO

DOWNTOWN FILMES

A Downtown Filmes é uma distribuidora dedicada exclusivamente ao lançamento de filmes brasileiros.

Fundada em 2006, sua estratégia de atuação é assegurar a distribuição do melhor do cinema nacional, através da colaboração com os principais produtores e diretores brasileiros, garantindo assim sua participação nos projetos, em seus diferentes estágios de desenvolvimento.

Isso garantiu à Downtown Filmes, a partir de 2008, a distribuição de importantes filmes que alcançaram um público expressivo, como *Meu Nome Não é Johnny*, de Mauro Lima, *Divã*, de José Alvarenga Jr, e *Chico Xavier*, de Daniel Filho.

A Downtown Filmes também incentiva novos talentos. Fazem parte da sua carteira filmes selecionados e premiados em importantes festivais nacionais e estrangeiros, como *Crime Delicado* e *Cão sem dono*, de Beto Brant, *Céu de Suely*, de Karim Anouz, *Estômago*, de Marcos Jorge, e *Só Dez Por Cento É Mentira*, de Pedro Cezar.

A empresa é dirigida por Bruno Wainer, que tem no seu currículo a distribuição de alguns dos maiores sucessos do cinema brasileiro, entre os quais se destacam *Olga*, de Jayme Monjardim, *Os Normais*, de José Alvarenga Jr, *Central do Brasil*, de Walter Salles Jr, e *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles.

ELENCO

Paola Oliveira

Chico Anysio

Suely Franco

Cate

Monsenhor Aristides

Tia Cida

Apresentando

Joaquim Lopes

Ricardo Pereira

Max Fercondini

Rodrigo Pandolfo

Lys Araujo

Elisa Pinheiro

Padre Beto

Rodolfo Valentino

Mário

Pedro Poeta

Dona Izilda

Miriâm

Participação Especial

Jota D'Angelo

Fernando Alves Pinto

Larissa Bracher

Prefeito

Cigano

Claudina

Com

Aramis Trindade

Claudia Ventura

Cadu Fávero

Eduarda Fadini

Kika Freire

Isabel Mello

Michel Bercovitch

Pachequinho

Diretora

Carlito

Dona Benvinda

Dona Carminha

Secretária

Pai de Luiz

E as crianças

Caio Manhente

Luiz

Dário Delcarro
Kadu Baptista
Vinicius Moreno
Ana Beatriz Caruncho
Jeniffer de Oliveira

Milton
Paulo
Antonio
Cibele
Madá

FICHA TÉCNICA

Direção

André Alves Pinto
César Rodrigues

Roteiro

Ziraldo

Produzido por

Diler Trindade

Produtor Executivo

Telmo Maia

Produtores Delegados

Geraldo Silva de Carvalho
Lilia Alli
Patrícia Novais
Thiego Balteiro

Direção de Fotografia

Jacques Cheuiche

Direção de Arte

Paulo Flaksman

Cenografia

Ana Schlee

Figurino

Maria Diaz

Música

Ronald Valle

Som Direto

George Saldanha

Montagem

João Paulo Carvalho

Produção de Elenco

Cibele Santa Cruz

Daniella Pricken

Direção de Produção

Mariângela Furtado

Tempo: 88 minutos

Som: Dolby Digital

Lente: Plano

Esse filme foi selecionado pelo Programa Petrobras Cultural

Assessoria de Imprensa:
Primeiro Plano -Anna Luiza Muller
Mariana Azevedo
contato2@primeiroplanocom.com.br
tel.: 21 2286 3699

